

Toda correspondencia ao director

Beato da Silva,



uma numerosa prole, contra-riamente aos nossos chefes de Estado, que recomendam, sim, a procriação à vil multidão, mas livram-se de a praticar pessoalmente.

Um indivíduo que não é um selvagem papua, pois os papuas são mais inteligentes, e os selvagens imperiosamente um Deus, um amor. Justamente o contrario do que Blanqui proclamava. E diz que foi para elevar semelhantes espécies à posição de humanidade que o grande pensador revolucionário passou trinta e cinco anos da sua vida nos calabouços.

Um Deus! um amor! Isso lembra o belo grito de alma dos fanaticos da Espanha alçando Fernando VII e a Inquisição: «Morra a liberdade! Vivam os grilhões!»

O indivíduo que reclama esse regresso à idade-média, esse regresso a um descendente dos Montmorency: é empregado do commercio e chama-se democraticamente Raimundo como o presidente da Republica!

Outro, digno do pensador supracitado—arcadez ambo!—reclama também esse regresso ao bom tempo antigo e precisa o que ele deve ser: substituir o regime electivo pelo da hereditariedade parlamentar, pelos delegados das corporações de officio os parlamentares regionais, a tirania dos partidos (subentende-se da esquerda) pelas liberdades das associações múltiplas (subentende-se religiosas e capitalistas), os politicos imbecis, impotentes ou corrompidos, pelo rei de França—tiram o chapéu!

E' perfeito, pois é sabido que os reis de França—esses, sim! não eram imbecis, nem impotentes, nem corruptos. Luis Filipe só de ministros integros se rodeava, a começar por Teste e Cubières; e quanto a Luis XV, Henrique III e Francisco I, sabe-se que eram a fina flor da virtude.

O homem convicto que escreveu essas fortes linhas chama-se Chivot e é ex-capitão diplomado de estado-maior. Viva!

Ao lado dessas divagações de bons franceses nascidos intellectualmente (se tal termo se pode empregar) antes da grande Revolução, manifestam-se aqui e ali alguns desiderata dos quais não é absolutamente benido o senso comum. A luta contra o alcoolismo, a cultura fisica, a protecção da infancia e da mulher, occupam entre eles um lugar importante; alguns programas como o do sr. Albert (aproximação franco-alemã, centralização administrativa, carta do trabalho e do capital, direitos politicos da mulher, re-fundição completa do código, etc.) denotam aspirações certamente progressistas e de ideias de conjunto.

Mas nenhum desses reformadores parece suspeitar o antagonismo formidável, irreductível, existente entre a classe que trabalha e produz e a classe capitalista parasitaria. Nenhum parece vislumbrar que o papel social do Estado com as suas engrenagens hierarchicas: ministerios, parlamento, functionalismo administrativo, magistratura, policia, exercito, é manter essa divisão de classes, essa exploração chamada a ordem. Nenhum parece compreender que a exploração chamada a ordem, que illusorio é contar com o Estado, republicano ou monarchico, para mudar um sistema de coisas ao qual está ligada a propria existencia desse Estado.

No fim de contas, não se pode sensatamente exigir que os leitores do *Matin* sejam revolucionarios, e já é mesmo bem bonito se entre eles se encontram alguns intelligentes!

Para coroarmento, guardamos uma resposta do sr. Jorge Deherme. Segundo este, não há illusio possivel: a França caminha para a bancarrota, para a invasão, para a insurreição dos pobres contra os ricos, os quais (confissão preciosa) estão a fazer por isso e não o terão roubado—eles que roubaram tudo o mais! A França não quer voltar às condições de ordem: morte do veneno da metafisica e da quimera revolucionaria.

O sr. Deherme é um ex-anarquista individualista—que dizer, dos que desnaturalizam a ideia racional de individualismo, respeitável e perfeitamente conciliável com a de comunismo economicos. Para ele e seus antigos colaboradores da *Autonomie individuelle*, como para os bandifollos de hoje, o individualismo era o direito à burla e a tudo que nos faga conta. Não ter escrupulos era o *ne plus ultra* do revolucionarismo consciente. Depois, o sr. Deherme casou rico: fez-se milicoeiro e burguez conservador, como morrem por vir a ser os Dehermes de hoje, admiradores de Bonnet e Garnier. E sempre uma coisa divertida!

Paris, 10 de Junho de 1914.

Carlos Malato.

## Má freguesia

Os seguros de vida dos reis são maus negócios para as companhias

Não vem tór do proposito, agora que está na ordem do dia a exproprioção do trauento ex-futuro rei da Austria, publicar esta curiosa nota sobre o valor da vida dos coronados:

— Qual é o valor da vida de um rei?

Não há dúvida que os reis reputam as suas existencias extremamente preciosas, e procuram segurar pelas mais avultadas quantias, mas não há dúvida tambem do que as companhias de seguros não os consideram: bons clientes, opinão a quem tem sido levadas por uma dura experiencia dos factos. Nunca o rei Alexandre da Servia, de tragica memoria, conseguiu realizar um seguro de vida. Todas as companhias de seguros, a que se dirigiu, quando se casou com Draga Maschia, os premios exigidos foram tão elevados que forçoso lhe foi renunciar ao seu intuito. Os acontecimentos deram razão a essas companhias para o seu retraimento. O tar todos os anos paga de premio, pelo seu seguro de vida.

— Mas, quando morreu, os seus herdeiros receberam 19 milhões de francos, o que é uma bonita continha. Mais modesto, o rei de Italia tem a vida segura em 12 milhões e meio de francos. O assassinato do rei Humberto, seu pai, foi um desastre para a companhia que lhe segurava a vida, e que teve de pagar 25 milhões de francos. O rei Eduardo VII foi tambem um cliente ruinoso. Por attenção com o soberano inglês, a companhia que ele "honrou" com a sua preferencia, não exagerou o premio. Dois anos depois, Eduardo VII morreu, e essa companhia tinha de desembolsar 19 milhões de francos. Compreende-se bem que as companhias de seguros não se mostram muito entusiasmadas com os clientes desta natureza.

E dia virá que não haverá quem dê um caracol pela vida dos soberanos... ou dos que compõem o seu lugarejo... E' questo do povo ganhar confiança na sua força.

## Os Evangelhos

Sabem que os 4 evangelhos foram quasi milagrosamente escolhidos, no Concilio de Niceia, em 325, entre um montão de manuscritos que datavam dos tres primeiros seculos da era christã?

Segundo o *Synodikon de Pappus*, os bispos só reteriveram 4 evangelhos; mas, não podendo pôr-se de accordo sobre as verdadeiras boas novas, decidiram deixar ao Céu o cuidado de apartar os escritos apócrifos, de origem humana.

Colocaram-se os manuscritos debaixo do altar, pedindo-se a Deus que fizesse esaltar para cima do altar o que reconhecesse como seus.

O pulo deu-se de noite... E ali está como, graças a um fenomeno de levitação nocturna, que de falam pouquissimos os padres catholicos ou protestantes, o Concilio de Niceia estabeleceu a autenticidade e a divindade dos 4 evangelhos. E' caso para dizer como Santo Agostinho: *Credo quia absurdum*.

## A URUCUBACA CLERICAL

Dentre as muitas qualidades máis que o clero possui, uma ha que merece por certo um capitulo especial e um estudo bem detalhado, tal é a sua importância e o seu interesse.

Referimo-nos à urucubaca (ou ao azar que parece emanar do clero, como se este fosse um distribuidor ambulante de tão preciosos artigos.

E' crenga muito conhecida e muito popular, crenga esta que por ser popular não deixa de ter algum fundamento, que os padres transmitem às pessoas que tem a desdita de os encontrar, um caiporismo impudente, uma urucubaca teimosa, que persegue por longo tempo e de maneira a mais cruel o indivíduo contaminado.

Nessa distribuição cronica de caiporismo são os padres de uma prodigalidade verdadeiramente assustadora, mimoseando com a sua terrível jettatura até os proprios companheiros da clerecia. Não é raro ver-se uma pessoa, na maior parte das vezes cristã, dizer a seus amigos que está caipora em todos os seus negócios por ter encontrado um padre.

As pessoas supersticiosas são capazes de jurar, que confor-me a graduação clerical—assim será tambem a urucubaca, por esse principio se é logico que um bispo é muito mais azarado do que um réis vigário, e o papa mais que eles todos; supomos não haver contido regra alguma que governe nesse ponto tal proporção: o azar, pois ha quem garanta existir frades que em materia de urucubaca valem mais que dez conventos.

Para combater a malefica e temida propriedade dos reverendos é costume usarem-se figurinhas, corcudinhas, rezas especiais e adequadas, sinais cabalísticos e uma serie de outros contra caiporismos, dentre os quais parece estar incluída a cruz infalível, a assinatura da *Lanterna*.

Deixemos, porém, aos supersticiosos a verificação do effeito desse ultimo isolante.

O certo é que a fama terrível de azarado acompanhada por toda a parte ao padre, fugando delecos fracos e supersticiosos e fazendo tremer os credulos que se arreceiam de alguma praga.

Ainda ha bem pouco tempo, em um juri em Paris, um advogado afirmou categoricamente que o autor da morte da vítima não tinha sido o réo que julgavam, mas sim um padre, que passara na occasião do delicto, e que dera má sorte aos contendores, fazendo com que um morresse e com que o outro fosse preso injustamente! Essa fama terrível não deixa de ter, como disse, bastante fundamento e o clero é bem merecedor da pelo muito que nos tem feito.

Quando os padres querem impingir aos crentes as suas formidaveis bazeiras religiosas, usam de uma linguagem toda cheia de inferno, satanaz, castigo eterno, purgatorio, tacho quente, etc., com o qual pretendem amedrontar as vi-

Essa sua linguagem habitual, repleta de suplicios imaginarios, sugeriu ao espirito dos fracos a impressão de que eles, padres, são como effeitos mensageiros de um certo fluido maligno que transmite a desgraça e a infelicidade a todas as pessoas.

Além disso, nas classes populares é tambem comum julgar que as pessoas nos inimigas, pelo muito mal que nos que-rem, transmitem-nos um certo caiporismo que a superstição nos obriga a não deixar passar despercebido; e como os padres honrados com a inimicicia do publico, este vê nelle os agentes impalpaveis da deusa do Azar.

Junte-se tudo isso ao aspecto horripilante e nauseabundo de um roupeta e teremos enfim a figura horrosoramente temida, como a encarnação do caiporismo e da urucubaca que todos nós devemos sempre evitar.

O numero 13, uma vassoura de cabeça para baixo, fadas cruzadas, sal na mesa, uma

criança com as mãos na cabeça e os outros muitos encaiporamentos que os supersticiosos evitam, nem de longe se comparam com o simbolo do azar supremo: o padre.

A superstição sendo uma fraqueza da parte de muitos indivíduos, produz às vezes effeitos benignos... Está nesse caso a superstição a que nos referimos e que induz aos supersticiosos a evitar os clerciais.

As muitas gente que trata de exterminar o elemento má da sociedade, mas no entanto, para a obra de profilaxia ser completa é preciso, não só evitar o mal, como tambem eliminar e combater a sua origem, não poupando esforços nessa obra grandiosa.

O clero, como já tivemos occasião de dizer, é uma praga que a ignorancia dos antigos rogou à sociedade moderna, e de tal modo nos inflicta que seria grande alivio ver-nos completamente livres dele. E para dele nos descartarmos ha necessidade de eliminarmos-lo de quem modo suprimindo-lhe o seu esteio principal: a religião.

Abolida esta dos habitos publicos nada mais resta ao clero do que a morte, e com o seu desaparecimento ficariam então livres de suas obras maleficas, de seus crimes, de suas perseguições e principalmente... de sua urucubaca.

Rio, Julho de 1914.

Felix Ansemar.

Nota: «Urucubaca» é um brasileiro muito usado (termo nordestino) e' sinonimo de azar, caiporismo, etc.

## O bom tempo antigo

Em 1540, estava Genebra sob o poder de Calvino. Nesse anno, Bolac, Gribaldo, Thivent Bellot, Roberto Torrairo, foram banidos como heresias. A Antonio Norberto foi a liguera, com um nome puro e consagrado, e que não a atiravam as injurias de qualquer um encorajado.

Belo o procedimento da digna senhora! Sirva ele de exemplo contra o "desencanto" que se vai infiltrando por quasi todas as camadas sociais de Quéluz! Muitas outras coisas, sr. redactor, em poderis acrescentar, mas reservo-me para outra occasião.

Sabe-tudo.

## Entre vizinhas

— Sabe, D. Sebastiana? Amanhã, no meio dia, é o enterro de velhinha nossa vizinha.

— Então não lhe serviram de nada as benzeduras e os santos oleos?

— Isso sim! E sabe que ela se confessou antes de morrer? Foi a filha mais velha, aquela comerciante rica, que trouxo consigo o padre. Dizem que vai mandar por veludo preto à porta e que haverá missa solene.

— Logo pra se mostrar.

— Com cortezia. E' mais engracado é que, enquanto a mãe foi viva, a ricacha dava-lhe a muito custo 100 por mes. Se não fossem os outros filhos, todos trabalhadores, a pobre velha já teria morrido de fome.

— E' uma infamia!... E os outros filhos aguentaram isso? Se fosse eu, agarrava em minha irmã por um braço e punha-a no meio da rua num instante. Não sei como ha filhos que se atrevem a humilhar um pai ou uma mãe, metendo-lhe em casa um padre nos ultimos momentos.

— Sim, tambem acho isso uma ofensa.

— E' mais do que um insulto: é um ultraje ao autor dos nossos dias. Como! A gente vai então pedir q' o abolvam? E porque? Então ele cometeu crimes? Isso quer dizer que a gente duvida da sua honradez, o julga culpado duma pioria qualquer. Então esse pai que nós veneramos, que seguimos passo a passo na vida com devotencia e respeito, bavemos de o rebaixar no conceito dos que o cercam, fazendo supor que a sua consciencia está carregada e que ele precisa de perdão?... Isso é um crime. É uma afronta feita a quem tanto nos amou...

— Tem razão, D. Sebastiana. E depois eu, na confissão, não tenho lá. Aquilo é historica.

## A "Lanterna" em Quéluz

### Um padre atrevido

Da cidade de Quéluz de S. Paulo recebemos a seguinte carta:

Apertada entre duas montanhas, escondida como que ciosa da riqueza de seu panorama, ergue-se ao Norte do nosso Estado a cidade de Quéluz. O povo desta terra, generoso e bom, é actualmente sacudido de sua calma pelos descalabros praticados por um individuo cujo para aqui arribou e que parece pretender transformar este lugar em uma sua fazenda. E' o padre Paulo Machado. Expulso de Portugal, fugitado daqui e dali, achou afinal hospedagem no meio desta cidade. Como ele retribui o acolhimento que teve, mostram os actos que ele aqui pratica e que constituem factos repugnantes.

E' sobre esses factos, sr. redactor, que eu quero falar, pedindo para a narração deles um pequeno espaço no vosso brilhante jornal.

Ha dias, terminada a farça que diariamente ele representa na igreja, tirada aquella vestimenta de palhaço com que se caracterisava, viu vir a ele a passar pela plateia quasi vazia, quando um repentino ataque de hidrotrobia o ataeou.

Ali perto, ajoelhada, sincera na sua crenga, uma senhora de distinta familia da localidade preparava-se para deixar o santissimo Padogo. Chama uma das irmãs para sairem e isso foi o bastante para que o estúpido tipo desfechasse uma bateria completa de insultos contra a distinta quéluzense, dando-lhe-lhe que saisse, talvez porque ela não accitava os bilhetinhos com que, dizem, ele costuma apresentar algumas de suas "corollas".

Estirente ali algum rapaz bruto e a fuça desavergonhada do satanaz de roupeta voria em pedaços. A altiva donzella soube porém reagir contra o nojeito enxugador de galhetas, dizendo-lhe que sairia se quizesse, porque era filha do lugar, com um nome puro e consagrado, e que não a atiravam as injurias de qualquer um encorajado.

Belo o procedimento da digna senhora! Sirva ele de exemplo contra o "desencanto" que se vai infiltrando por quasi todas as camadas sociais de Quéluz! Muitas outras coisas, sr. redactor, em poderis acrescentar, mas reservo-me para outra occasião.

Sabe-tudo.

— E então as rezas?... Qu' absurdo! Nós somos dez mil milhões de habitantes: que corrimos o globo terrestre, tendo cada um as suas ideias, cada qual mais berrata, e todos estes mequinheiros que amebam e exangamam ao sol sem a pretensão de julgar que o seu Deus se cerra para acenar todas as ineptias que eles imprimam da sua divindade! Que monstruosos tollos! Olhe, D. Sebastiana, escute o que disse o grande Salomão, que a Biblia diz ser o sabio dos sabios. Gostei tanto disso, achei-o tão reconfortante, que o aprendi de cor. Escute: «Apiquei o meu coração a rebaixar tanto quanto reb os seus se fazia, afim de distinguir a sabedoria da loucura. Pensei que Deus esculpeira os homens e o accidente. Tal é a morte de um, tal é a morte do outro. Tudo foi feito da terra e tudo é terra torra. Quem é que sabe que o sopro dos homens sobre o e o sopro dos brutos desce? Reconheci, pois, que nada ha melhor para o homem do que gozar o fruto do seu trabalho, antes que o corpo regresso ao pó, pois é essa sua rapão. Certamente, os vivos sabem que não de morrer, mas os mortos nada mais sabem». Como vê, D. Sebastiana, o grande Salomão, muito possivel não nos fala do inferno, nem da dupla existencia da alma. Está firmemente convencido de que tudo se extingue, e dá-nos como recomendação uma vida castosa, que nós não desejamos, o repouso eterno no nada.

— E tinha toda a razão, o bom do homem: não mais pensar, não mais sofrer, não mais sentir.

— Sim, o olvido completo de todas as magoas da existencia, o aniquilamento do ser no pó, ultimo reigio do naufragio humano, não é uma consolação?

— Assim me parece. Pois declaro-me salomonicista: tambem acho que tudo se extingue e que a mais bela de todas as religiões é a da humanidade. E' estou certa de que, antes de morrer, meus filhos não me farão a afronta de me trazer um confessor, pois bem sabem que tenho a consciencia tranquila.

— O homem integro, cujo espirito elevado só teve durante a vida largas aspirações, o que tratou da sua consciencia—não como o devoto com medo ao castigo, temendo a ideia de receber uma sora mostra ao chegar ao purgatorio,—mas impellido pela nobreza do coração, pelo sentimento do dever, para ter o prazer de poder dizer a si mesmo: «Retimo-me; de nada tenho que me acusar»... Esse não necessita de absolvição... Vivia do seu trabalho, sem explorar ninguém; amou os seus, ajudou os seus semelhantes, semeou pelo caminho todo o bem que pôde, lutou contra o despotismo alargando o pensamento dos seus irmãos, exaltando com ardor o bem, o belo e o verdadeiro. Esse nada tem que recear: pague a sua divida à sociedade, e quando soon a hora do grande repouso, vai suavemente para a sepultura. Sem rumor, sem cruz, sem confissão, parte como um páro, levando na fronte o reflexo da sua vida e a majestade da sua alma. Esse homem é um justo cuja dignidade seria ofendida pelas preces e orações fúnebres. Não tendo já mais sujeito a alma, não precisa de que lhe lavem.

— Sou da sua opinião, D. Sebastiana.

Amel Renaud.

— Sabe, D. Sebastiana? Amanhã, no meio dia, é o enterro de velhinha nossa vizinha.

— Então não lhe serviram de nada as benzeduras e os santos oleos?

— Isso sim! E sabe que ela se confessou antes de morrer? Foi a filha mais velha, aquela comerciante rica, que trouxo consigo o padre. Dizem que vai mandar por veludo preto à porta e que haverá missa solene.

— Logo pra se mostrar.

— Com cortezia. E' mais engracado é que, enquanto a mãe foi viva, a ricacha dava-lhe a muito custo 100 por mes. Se não fossem os outros filhos, todos trabalhadores, a pobre velha já teria morrido de fome.

— E' uma infamia!... E os outros filhos aguentaram isso? Se fosse eu, agarrava em minha irmã por um braço e punha-a no meio da rua num instante. Não sei como ha filhos que se atrevem a humilhar um pai ou uma mãe, metendo-lhe em casa um padre nos ultimos momentos.

— Sim, tambem acho isso uma ofensa.

— E' mais do que um insulto: é um ultraje ao autor dos nossos dias. Como! A gente vai então pedir q' o abolvam? E porque? Então ele cometeu crimes? Isso quer dizer que a gente duvida da sua honradez, o julga culpado duma pioria qualquer. Então esse pai que nós veneramos, que seguimos passo a passo na vida com devotencia e respeito, bavemos de o rebaixar no conceito dos que o cercam, fazendo supor que a sua consciencia está carregada e que ele precisa de perdão?... Isso é um crime. É uma afronta feita a quem tanto nos amou...

— Tem razão, D. Sebastiana. E depois eu, na confissão, não tenho lá. Aquilo é historica.

— Sabe, D. Sebastiana? Amanhã, no meio dia, é o enterro de velhinha nossa vizinha.

— Então não lhe serviram de nada as benzeduras e os santos oleos?

— Isso sim! E sabe que ela se confessou antes de morrer? Foi a filha mais velha, aquela comerciante rica, que trouxo consigo o padre. Dizem que vai mandar por veludo preto à porta e que haverá missa solene.

— Logo pra se mostrar.

— Com cortezia. E' mais engracado é que, enquanto a mãe foi viva, a ricacha dava-lhe a muito custo 100 por mes. Se não fossem os outros filhos, todos trabalhadores, a pobre velha já teria morrido de fome.

— E' uma infamia!... E os outros filhos aguentaram isso? Se fosse eu, agarrava em minha irmã por um braço e punha-a no meio da rua num instante. Não sei como ha filhos que se atrevem a humilhar um pai ou uma mãe, metendo-lhe em casa um padre nos ultimos momentos.

— Sim, tambem acho isso uma ofensa.

— E' mais do que um insulto: é um ultraje ao autor dos nossos dias. Como! A gente vai então pedir q' o abolvam? E porque? Então ele cometeu crimes? Isso quer dizer que a gente duvida da sua honradez, o julga culpado duma pioria qualquer. Então esse pai que nós veneramos, que seguimos passo a passo na vida com devotencia e respeito, bavemos de o rebaixar no conceito dos que o cercam, fazendo supor que a sua consciencia está carregada e que ele precisa de perdão?... Isso é um crime. É uma afronta feita a quem tanto nos amou...

— Tem razão, D. Sebastiana. E depois eu, na confissão, não tenho lá. Aquilo é historica.

— Sabe, D. Sebastiana? Amanhã, no meio dia, é o enterro de velhinha nossa vizinha.







